

## Memórias do Escritor Erico Verissimo (1905 - 1975): Uma Fonte de Estudos Para a História da Educação

## Memories Writer Erico Verissimo (1905 - 1975): A Source Of Studies For The History Of Education

*Roselusia Teresa Pereira de Morais\**

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar as memórias do escritor Erico Verissimo como uma possibilidade de fonte para os estudos da História da Educação a partir de uma abordagem da História Cultural e da Literatura. Os fundamentos teórico-metodológicos deste estudo consistem em um conjunto de conceitos do campo da Educação, Literatura e História da Educação que orientam as análises discutidas. Nesta perspectiva, a Literatura é outra forma de ver e dizer o mundo a partir do que o escritor constrói, ou seja, é alguém que vê e registra o mundo com a lente do sensível, da imaginação, da criatividade e, muitas vezes, da indignação e da denúncia. Por isso, a Literatura coloca-se como uma possibilidade ímpar para os estudos educacionais e da História da Educação.

**Palavras-chave:** Representação; Memória; Erico Verissimo.

### Abstract

This paper aims to present the memoirs of writer Erico Verissimo as a resource for studies of the history of education from an approach of Cultural History and Literature. The theoretical and methodological foundations of this study are a set of concepts from the field of Education, Literature and History of Education that guide the analysis. In this perspective, literature is another way of seeing and saying the world from which the writer builds, or is someone who sees and records the world with the lens of the sensible, the imagination, creativity and, often, the indignation and denunciation. Therefore, literature arises as a unique opportunity for educational studies and the History of Education.

**Keywords:** Representation; Memory; Erico Verissimo.

---

\*Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (2007). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas - RS (2010). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas - RS. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), vinculado ao CNPq.  
E-mail: roselusiamorais@gmail.com

## Introdução

Desejei saber compor música para traduzir em melodia aquele momento poético; ou então pintar, para prender numa tela as imagens daquele minuto milagroso. [...] Foi então que me veio a sugestão de escrever a história duma menina que amanhece para a vida, pois talvez dessa forma eu pudesse se prolongar o sortilégio daquele momento (VERISSIMO, 1978a, Prefácio).

Erico Verissimo<sup>1</sup> (1905-1975) inaugurou a sua carreira como romancista com a produção do romance *Clarissa*, publicado em 1933. Ele criou a personagem Clarissa, uma professora que aparece no conjunto de romances: *Clarissa*, *Música ao Longe*, *Um lugar ao sol* e *Saga*. É um dos escritores mais reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Apresentá-lo implica considerar o processo de criação literária e a autoria ligada à produção de sentidos e motivações para a escrita.

Este trabalho<sup>2</sup> tem como objetivo apresentar memórias do escritor Erico Verissimo como uma possibilidade de fonte para os estudos da História da Educação a partir de uma abordagem da História Cultural e da Literatura. Os fundamentos teórico-metodológicos consistem em um conjunto de conceitos do campo da Educação, Literatura e História da Educação que orientam as análises deste estudo.

A ficção permite observar e identificar realidades múltiplas sobre a *instância cultural* (PESAVENTO, 2005) em que é ou foi produzida. Significa, portanto, situá-la para além do verdadeiro e do falso, mas admitir a “capacidade humana originária possível de recriar o mundo” e identificar uma “expressão da linguagem e pensamento de tudo o que existe e é identificado, percebido, nomeado, qualificado e expresso pelo escritor” (PESAVENTO, 1997, p.35).

Essa abordagem auxilia a compreensão da Literatura produzida por Erico Verissimo e as suas respectivas representações do mundo expresso por nele. *Representação* é uma categoria central da História Cultural que foi incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. Eles estudaram formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a

coesão do grupo e que propõem como representação do mundo (PESAVENTO, 2005).

Embora a noção de representação seja comumente usada e (re) formulada em diversas áreas do conhecimento, e, em especial, para os historiadores, não há consenso formal e universal para o conceito. A noção de representação, segundo Pesavento (2005), é assumida por vários autores, como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg, mas não de modo formal e claro por esses autores. No entanto, a autora afirma que, de uma maneira geral, “todos trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” (PESAVENTO, 2005, p.17).

Nesse sentido, significa admitir a existência de representações que são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos. Ainda segundo a autora, a “representação é conceito ambíguo [...] A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (PESAVENTO, 2005, p. 40).

Nessa abordagem, segundo Chartier (2009, p.25) é possível “a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura”, o que confere a noção de “*energia*” nos registros da ficção literária que situam uma forma de exibição. Discutir essa categoria fundamental de análise, neste estudo, implicou considerar a perspectiva adotada por Roger Chartier (2009) quando afirma que a noção de representação não nos afasta do real nem do social.

## Memórias de Erico Verissimo e a construção ficcional

Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes Veríssimo. Era descendente, pelo lado paterno, de emigrantes portugueses da Freguesia do Ervedal, na Beira Alta e, pelo lado materno, de tropeiros de Sorocaba (VERISSIMO, 1981). Morreu de enfarte, em 1975.

O escritor referencia em suas memórias, *Solo de Clarineta I*, publicado em 1973, um repertório de familiares entre eles: tios, tias, avós, pais, entre outros, e menciona a relação dessas pessoas tão próximas do seu convívio. Essas descrições indicam a presença de leitores e escritores na família dos Veríssimo. Esses são referenciados como “amigos dos livros”, “leitor” e “leitora voraz”, alguns “devotos” de determinados gêneros literários, leitores e leitoras de textos em voz alta, contadores de histórias, leitores de textos em língua estrangeira, escritores dos mais variados gêneros literários. Ele ainda cita o seu pai, Sebastião Veríssimo, como “intelectualmente a mais brilhante figura da família”, “epicurista”, fundador de um jornal humorístico, e entre outras características que evidenciam um “homem de leituras variadas”, o “idealista”, o “pensador” (VERISSIMO, 1981, p.18).

Em dezembro de 1930, Erico Verissimo resolveu mudar de vida e tomou a decisão de morar em Porto Alegre. Embora, ele reconhecesse as dificuldades de um escritor no Brasil, a sua ideia inicial era arranjar emprego num jornal, traduzir livros, colaborar em revistas e assim “tentar ganhar a vida como escritor” (VERISSIMO, 1981, p. 233).

Inicialmente, o escritor trabalhou intensamente na redação da Revista do Globo, traduzindo livros do inglês para o português. A carreira do escritor começou em princípios de 1932 quando decidiu publicar, em forma de livro, os seus contos, em sua obra *Fantoches* (VERISSIMO, 1981).

A geração de escritores de 1930, segundo Bordini (2005), foi marcada por uma “tendência ficcional forte e abrangente” que descrevia realidades regionais e urbanas. A estrutura econômica do país é definida como atrasada, baseada no latifúndio, na exclusão e nas consequentes injustiças sociais. Essa tendência em apresentar nas obras de ficção tais aspectos foi produzida por escritores do Nordeste brasileiro. Nesse período, também surgiu uma nova literatura urbana, entre os autores, a escrita de Erico Verissimo é identificada como pioneira no país.

Na época em que ele produziu os romances, já estava casado com Mafalda e tinha dois filhos pequenos, Clarissa<sup>3</sup> e Luís Fernando. Ele “lutava para melhorar de vida”, trabalhava em tempo integral na Revista do Glo-

bo e na seção Editora da Livraria do Globo, fazia traduções nas horas vagas e dedicava-se a sua literatura nos fins de semana (VERISSIMO, 1981).

Além dos romances, Erico Verissimo dedicou-se à ficção histórica, à literatura infantil e infanto-juvenil, a livros de viagem, biografias, ensaios, artigos e crônicas. Seus livros estão traduzidos em diversas línguas e publicados em nível nacional e internacional. Várias das suas obras foram adaptadas para a televisão e cinema (COUTINHO, 1986). Esteve diversas vezes nos Estados Unidos, onde lecionou Literatura Brasileira em universidades americanas. Em 1944, O Mills College, de Oakland, na Califórnia, onde dava aulas de Literatura e História do Brasil, confere-lhe o título de doutor Honoris Causa (BOSI, 1994).

Alguns estudiosos da História da Literatura Brasileira como, por exemplo, Antônio Cândido (2000), Alfredo Bosi (1994), Afrânio Coutinho (1986), Massaud Moisés (2001) e Abdala Junior (1997) apontam traços e momentos marcantes na produção das obras do escritor. Esses estudiosos apontam-no como sendo um escritor da era modernista que se caracteriza em suas obras pela ênfase na análise psicológica dos personagens e de costumes da época em que foram produzidas.

Recebeu inúmeras premiações, entre elas: o Prêmio Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional (com Música ao Longe), em 1934, Prêmio pela Fundação Graça Aranha da Academia Brasileira de Letras (com Caminhos Cruzados), em 1935, os Prêmios Jabuti, da União Brasileira de Escritores, em 1966 e o Prêmio Juca Pato (como Intelectual do Ano), em 1967, Personalidade Literária do Ano, Pen Clube – em 1972, Prêmio Literário da Fundação Moinhos Santista, em 1973, para o conjunto da sua obra e o grau de *Doutor Honoris Causa* de Literatura conferido pelo *Mills College*, na cidade de Oakland, na Califórnia (MASSAUD, 2001).

No Brasil, as publicações da década de 1930 fomentaram o mercado editorial. Esse movimento prosseguiu tanto que “as casas editoras, estimuladas pela procura do livro e pela quantidade dos originais que lhes são oferecidos (...) disputam os autores, aumentam suas tiragens e o movimento editorial prospera formidavelmente” (HALLEWELL, 1985, p. 338). Dentre os autores nacionais, o mais procurado foi o escritor Erico Verissimo.

Luís Fernando Veríssimo (2009), em uma entrevista realizada por e-mails, revelou que seu pai sempre leu muito sobre o ofício de escritor, técnicas de narrativa e teoria do romance, o que lhe garantia uma informação teórica incomum entre os escritores brasileiros.

Erico Verissimo inaugurou a sua carreira como romancista com a produção do romance *Clarissa*, que foi escrito em “quinze tardes de sábado e uma boa dúzia de domingos, feriados e dias santos” (VERISSIMO, 2005, p. 12). Nessa época, para aumentar a renda mensal, o autor trabalhou como secretário da Revista do Globo, redigiu uma página feminina para o Correio do Povo e traduziu novelas policiais inglesas para a Livraria do Globo. O livro apareceu, em novembro de 1933, numa coleção de volumes de pequeno formato (VERISSIMO, 2005).

Em um prefácio do escritor, da reedição do primeiro romance produzido, ele descreveu como construiu a personagem Clarissa:

Sob os jacarandás floridos da velha praça da Matriz de Porto Alegre, caminhava uma rapariguita metida no seu uniforme de normalista. Teria quando muito treze anos, seu andar era uma dança, seu rosto uma fruta madura e seus olhos, que imaginei escuros, deviam estar sorvendo com aridez a graça luminosa e também adolescente daquela manhã de primavera. De minha janela eu a contemplava com a sensação de estar ouvindo, uma sonata matinal e ao mesmo tempo vendo uma pintura animada. [...] Foi então que me veio a sugestão de escrever a história duma menina que amanhece para a vida, pois talvez dessa forma eu pudesse prolongar o sortilégio daquele momento (VERISSIMO, 2005, p. 12).

Baseado em uma cena do dia, o escritor, descreve a construção da personagem Clarissa, a partir de um desejo de “saber compor música para traduzir em melodia aquele momento poético; ou então pintar, para prender numa tela as imagens daquele minuto milagroso [...]” (VERISSIMO, 1978a, Prefácio). Apesar de afirmar que a sugestão de escrever a história duma “menina que amanhece para a vida” através da figura “duma adolescente que aos poucos ia tomando

corpo, feições, alma, muito pouco tinha a ver com a da vida real, que a inspirava” (VERISSIMO, 1978a, Prefácio).

Ele afirma, em suas memórias, *Solo de Clarineta I*, que a primeira coisa feita foi nomear sua personagem. Para o criador “como o clima da novela se anunciava claro e matinal, o nome que logo me ocorreu foi o de Clara, que rejeitei. Veio-me depois o de Clarice, também repellido, e finalmente o de Clarissa, que ficou” (VERISSIMO, 1978a, Prefácio).

Inicialmente, o escritor escreveu e constituiu a Clarissa sem um plano preestabelecido. A construção da história de uma menina-moça foi uma oportunidade que o criador procurava de se “aproximar mais da vida, fugindo aos fantoches e ao seu universo de papel pintado” conforme ele mesmo afirma no prefácio reeditado do romance *Música ao Longe*. (VERISSIMO, 1981, Prefácio).

Erico Verissimo afirma que “as coisas do mundo da ficção, entretanto, são muito mais complexas do que parecem” (VERISSIMO, 1981, p.14). Em suas memórias, *Solo de Clarineta I*, o escritor revela, em vários momentos, a produção de personagens e diz, por exemplo, que a família Cambará, da obra *O tempo e o Vento*, “não é positivamente uma projeção dos Verissimo no domínio da ficção, assim como Santa Fé não é a cópia de papel carbono de Cruz Alta” (VERISSIMO, 1981, p.14).

Outro exemplo que o autor referencia é o personagem Toríbio Cambará, da obra *O tempo e o Vento*, e as semelhanças com o seu tio Nestor Veríssimo. No entanto, Erico Verissimo revela que:

Infelizmente tive pouquíssimo – quase nenhum! – convívio com esse prodigioso tio, que sempre andava longe de nós em suas intermináveis andanças de guerra ou paz. O que fiz no caso da personagem foi combinar minhas vagas recordações dessa invulgar figura humana com estórias que me contavam dela. Desse amálgama resultou “uma outra pessoa”, que acabou ganhando vida própria (VERISSIMO, 1981, p.14).

Não pretendo estabelecer uma relação direta da vida de Erico Verissimo com a criação dos personagens em sua obra até porque existe um limite entre a memória descri-

ta pelo escritor e a criação de personagens em obras de ficção. Como ele mesmo indica, é possível admitir que há uma correspondência que está imbricada no ato de criar e escrever e a consequente produção de sentidos do que é vivido, experimentado e sentido em sua vida.

O primeiro romance de Erico Verissimo trata das descobertas da jovem Clarissa Albuquerque, de quatorze anos de idade, “[...] morena, olhos pretos e levemente oblíquos, rosto oval, cabelo repartido no meio e muito lambido” (VERISSIMO, 1978a, p.165). A personagem é natural de Jacarecanga, e mudou-se para a capital do Estado, Porto Alegre, para estudar na Escola Normal.

Em seu livro de memórias Solo de Clarineta I e nos prefácios das reedições dos romances analisados neste estudo, Erico Verissimo (1978a) descreveu Clarissa como se ela “fosse real”, como uma “criatura de carne e osso”, dessa forma atribuindo adjetivos à personagem. Desde a infância ele gostava de desenhar e em sua prática como escritor esboçava seus personagens e cidades fictícias que criava quando escrevia seus romances para tornar “visível” sua criação. Significativamente, esses aspectos ressaltam o sentido atribuído pelo escritor na produção de um personagem e a maneira como criava e percebia, enxergava a sua ficção.

Erico Verissimo (1978a) afirmou que o romance *Clarissa* marca uma nova fase na sua carreira literária de escritor. A escrita foi realizada a partir de uma necessidade de poesia. Ele reconheceu que:

Em matéria de linguagem notam-se nela muitos dos defeitos do primeiro livro<sup>4</sup>: o estilo picado, o emprego leviano de palavras grandes como ‘infinito’, ‘imenso’, ‘enorme’, etc. As personagens, conquanto já se pareçam mais com as criaturas de carne e osso que nos cercam no mundo real, não perderam de todo o cheiro de tinta e o caráter linear dos títeres que povoam os meus primeiros contos. Clarissa, porém, se destaca dessa compararia com uma vida mais quente e polpuda. Acredito que ela tenha a dimensão que falta às outras personagens. Considero o retrato dessa adolescente dos melhores de toda a minha galeria de ficcionista (VERISSIMO, 1978a, Prefácio).

O escritor considera que a influência de algumas leituras na construção dessa história urbana. Ele recordou que em princípios de 1933, leu o *Dusty Answer* de Rosamond Lehmann, o qual deixou certas ressonâncias poéticas responsáveis pelo estado de espírito que levou a escrever *Clarissa*. Para ele, “se cavoucarmos mais fundo nos alicerces desta novela, talvez encontremos, na sua base, doces lembranças da *Clara d’Ellebeuse*, de Francis James” (VERISSIMO, 1978a, Prefácio).

O romance *Clarissa* não foi o seu primeiro sucesso, mas sim a obra *Olhai os Lírios do Campo*, em 1938, que chamou a atenção do público para os romances publicados anteriores que foram: *Clarissa*, *Caminhos Cruzados*, *Música ao Longe* e *Um lugar ao Sol*. Com isso, *Clarissa* foi reeditado “em volume de formato maior e a um preço cinco vezes mais alto que o da edição inicial, o que não impediu que tiragens de três mil exemplares passassem a esgotar-se em menos de um ano” (VERISSIMO, 1978, Prefácio).

Durante a realização deste estudo foi possível identificar na Fundação Erico Verissimo, em Cruz Alta, e nas bibliotecas e livrarias em Pelotas e Porto Alegre, diferentes imagens da personagem nas capas das inúmeras reimpressões e reedições do romance *Clarissa*. Esse dado é instigante e indica a possibilidade de um trabalho futuro acerca das representações da personagem através das imagens projetadas nas obras produzidas.

Depois da produção do romance *Clarissa*, o autor escreveu o romance *Caminhos Cruzados*, em 1935, “romance um tanto frio e cínico”, como diz o próprio Verissimo, no prefácio do livro *Música ao Longe* (1983). Com o término de *Caminhos Cruzados*, Erico Verissimo “pensou com saudade em Clarissa e tratou de saber que era feito dela, agora que, de posse dum diploma de professora, a menina voltara a Jacarecanga, sua cidade natal” (VERISSIMO, 1983, Prefácio). Nos romances: *Música ao Longe*, produzido em 1935; *Um lugar ao sol*, produzido em 1936; e *Saga*, produzido em 1940, a personagem Clarissa reaparece e desenvolve o ofício de professora.

A figura de professores e professoras parece ter sido bastante importante na vida de Erico Verissimo. O autor lembra alguns de seus docentes no livro de memórias,

*Solo de Clarineta I*. A sua obra autobiográfica, revela, inicialmente, que o escritor sentiu a curiosidade de descobrir as origens da família Veríssimo. Com a ajuda de um amigo dedicado a pesquisas genealógicas, o escritor mapeou as suas origens, tanto paternas, quanto maternas. Também são descritas imagens e sensações vividas em sua história de vida, ou seja, a memória como um elemento que se constitui nas relações humanas, em seus mais diferentes tempos e espaços (LE GOFF, 2003).

Sobre o processo de escolarização descrito por Erico Verissimo (1981), é possível identificar em seu livro, dois momentos importantes de suas experiências escolares: a experiência como aluno no Colégio Elementar Venâncio Aires e no Colégio Cruzeiro do Sul. Ao rememorar os seus processos de aprendizagens, Erico Verissimo descreve sucessos e dificuldades no ambiente escolar.

Além das atividades no Colégio Elementar, em Cruz Alta, o escritor também freqüentou a Aula Mista Particular da professora D. Margarida Pardelhas. O autor referencia essa professora como uma “grande educadora” e detentora de uma “poderosa presença”. A admiração por essa professora pode ser identificada no seguinte trecho:

[...] Sempre tive por essa grande educadora uma certa afeição tingida de temeroso respeito. [...] Recordo-me freqüentemente dessa minha professora sentada atrás de sua mesa, em cima do estrado, tomando notas num caderno. Quando se ouviam murmúrios na aula, erguia a cabeça seus óculos relampejavam, e ela exclamava: ‘Ai! Ai! Ai!’ E os ruídos morriam instantaneamente [...] (VERISSIMO, 1981, p. 87- 88).

Posteriormente à experiência no Colégio Elementar Venâncio Aires, o autor faz um relato dos momentos vividos no internato Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, que era situado num verde vale, no arrabalde de Teresópolis e era mantido por pastores norte-americanos da Igreja Episcopal. Erico Verissimo foi enviado para o internato Cruzeiro do Sul logo após ter sido reprovado nos exames escolares. Ele ingressou nesse colégio, no ano de 1920, e retornou à cidade de Cruz Alta, em 1922. O trabalho da mãe como costureira manteve o filho por três anos no colégio interno (VERISSIMO, 1981).

O escritor em suas memórias descreve alguns professores, além de recordar a professora Margarida Pardelhas. Ele nomeia docentes como, por exemplo: Miguel Maia; Alberto de Brito e Cunha; Lindau Ferreira; Américo da Gama (pseudônimo); M. Carré; e o aluno-mestre, Orlando Batista.

No período em que Erico Verissimo freqüentou a Aula Mista Particular da professora D. Margarida Pardelhas, Miguel Maia foi o seu professor particular de Matemática. Na ocasião, foi contratado por Sebastião Veríssimo, pois temia que seu filho fosse reprovado por causa da Aritmética (VERISSIMO, 1981). Esse professor, sob o olhar do escritor, era um “Homem inteligente, lia Nietzsche e Schopenhauer. Era pessimista, achava a vida um fardo absurdo. [...] Recebi dele o maior dos elogios. [...]” (VERISSIMO, 1981, p.36- 37).

Como interno do Colégio Cruzeiro do Sul, Erico Verissimo conheceu Alberto de Brito e Cunha foi professor de Matemática, Desenho, Química e Física, e conviveu com outros professores. Segundo Erico Verissimo (1981):

[...] homem mais ativos e trabalhadores que conheci na vida. Possuía esse dom raro de saber aproveitar retalhos do tempo. No bonde que o levava da cidade ao ginásio em mais ou menos meia hora de viagem, aproveitava para corrigir provas ou ler romances policiais. (VERISSIMO, 1981, p.136-137).

Lindau Ferreira foi o primeiro professor de Língua Inglesa do escritor. Ao descrever Lindau Ferreira o escritor revela gratidão e reconhece a importância deste professor em sua vida, como é possível identificar na seguinte descrição:

[...] Era um homem de cabelos negros, quase quarentão, a saliência da arcada dentária superior aumentada pelo grosso bigode negro. [...] Bastava, porém, um certo convívio com ele para a gente ver sua bondade e firmeza de caráter. [...] Tinha ele feito um curso numa universidade dos Estados Unidos e seu hobby era a carpintaria. Vivia no internato e era ele quem, metido num roupão de banho, as pernas finas e cabeludas à mostra, os pés enfiados em chinelos, saía às seis da manhã pelo dormitório a acordar os

estudantes [...] Excelente Lindau! Devo-lhe em boa parte a minha aplicação ao estudo da língua inglesa [...] (VERISSIMO, 1981, p.137-138).

Outro professor de Inglês “inesquecível” foi o Américo da Gama (pseudônimo atribuído por Erico Verissimo), descrito como amigo, mas descrito da seguinte maneira: “irritadiço, esquentado, pugnaz. [...] podia ser também excelente companheiro, fora das horas de aula ou estudo, contando que ninguém o provocasse com alusões irônicas ou dissesse algo que lhe desagradasse. Acabamos amigos” (VERISSIMO, 1981, p.139-140).

O professor M. Carré ensinava Francês, “tinha um rosto redondo, cheio e corado, uma boquinha miúda que parecia um botão de rosa, um caminhar ligeirinho e leve.” (VERISSIMO, 1981, p.141). Esse professor sugeriu à Erico Verissimo que fizesse os exames preparatórios de Francês, perante a banca oficial do Colégio Júlio de Castilhos com a finalidade de ingressar em alguma faculdade de Porto Alegre. No entanto, o escritor não prestou esses exames e nem outros, pois a situação financeira dos seus pais não viabilizou o prosseguimento dos estudos através de ingresso em um curso superior (VERISSIMO, 1981).

O aluno-mestre Orlando Batista lecionava no ginásio e estudava no seminário para se tornar ministro episcopal. Em um momento como interno do Colégio Cruzeiro do Sul, Erico Verissimo sofria de insônias e este aluno-mestre, para resolver o problema do interno, todas as noites contava anedotas, estórias e sempre deixava um castiçal com vela e fósforos para iluminar o quarto (VERISSIMO, 1981).

Há, portanto, na obra memorialística, *Solo de Clarineta I*, a figura de muitos professores que permitem aproximações com um tempo e espaço da docência, da escola e das aprendizagens escolares do próprio autor. Nesse repertório de docentes, são evidenciadas representações acerca do universo escolar e professores que interferem na produção do escritor Erico Verissimo.

Outro aspecto ligado à docência na vida do escritor foi a sua experiência como professor, em Cruz Alta e no exterior. Em Cruz Alta, por volta dos anos de 1927 a situação financeira da família dos Verissimo estava em decadên-

cia. Diante dessa situação, Erico resolveu não só trabalhar em uma farmácia, mas dar aulas particulares de Inglês e Literatura. Ele menciona em *Solo de Clarineta I* que recorria ao “velho método de aprender errando” (VERISSIMO, 1981, p.198). O filho do escritor, Luís Fernando Verissimo, revelou-me, por meio de uma entrevista, que quando o seu pai lecionou na Universidade da Califórnia havia uma “informalidade das suas aulas, que eram mais conversas do que aulas” (VERÍSSIMO, 2008a).

Esses dados são relevantes na compreensão das representações da docência em romances do escritor, pois indicam os cenários vividos por ele. Embora não seja possível afirmar que as experiências escolares de Erico Verissimo e suas atividades como professor tenham sido definidoras na criação dos professores e professoras ficcionais, também não há como negar essa relação, uma vez que para Vargas Llosa (2008):

[...] a raiz de todas as histórias está na experiência de quem as inventa; o que se viveu é a fonte que irriga a ficção. Isso não significa é claro, que um romance seja sempre uma biografia dissimulada do seu autor, mas, sim, que em toda ficção, mesmo na mais livremente concebida, é possível rastrear um ponto de partida, uma semente íntima, visceralmente ligado à soma das vivências de quem a forjou (LLOSA, 2008, p.19-20).

Isso não significa afirmar que há uma relação direta entre o vivido e as representações na ficção escrita pelo escritor, mas é significativo considerar esses dados como relevantes no processo de criação literária. O próprio escritor atribui às pessoas do seu convívio e às experiências sociais a possibilidade de oferecer ao romancista “elementos para uma variada e colorida galeria de personagens” (VERISSIMO, 1981, p. 91). Essa abordagem admite, portanto, que a representação na ficção é uma construção feita a partir do real. Dessa forma, é uma *exposição*, uma *reapresentação de algo ou alguém* que se coloca no lugar de um outro. (PESAVENTO, 2005).

O estudo (auto) biográfico permite o diálogo entre o individual e o sociocultural, uma vez que “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma

à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (MOITA, 1995, p.113). Ao analisar as memórias do escritor é preciso considerar o caráter específico da narrativa autobiográfica e o contexto em que foi produzida. Nessa perspectiva, vale ressaltar que a produção de um livro de memórias, *Solo de Clarineta I*, nos remete a um momento em que o escritor Erico Verissimo estava consagrado e reconhecido socialmente.

### Considerações finais

O escritor é aquele que, atento ao mundo em que vive, transporta para o universo ficcional uma forma específica e particular “de ver e dizer” esse mundo. Ele “inventa” seu mundo ficcional e, ao fazê-lo, carrega experiências vividas. Conforme afirma Cândido (2004), a literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, pois cada sociedade “cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas” (CANDIDO, 2004, p.175).

Dessa maneira, a ficção é (re) construção, problematização da vida social, sob a percepção de um autor. Daí a força e a possibilidade de tomar a conceituação de representação do mundo através da literatura. Considerando que o escritor é alguém que vê e registra o mundo real com a lente do sensível, da imaginação, da criatividade e, muitas vezes, da indignação e da denúncia, por isso, a literatura coloca-se como uma possibilidade ímpar para os estudos educacionais.

Portanto, se reconhecemos que a literatura é *outra* forma de ver e dizer o mundo a partir do que o escritor constrói, ele se utiliza desse meio como um ato de “acender uma lâmpada”, ou “um toco de vela”, ou ainda através de repetidos riscos de fósforos na tentativa de evitar “a escuridão”, como afirmou o próprio Erico Verissimo (1981). Neste sentido, trabalhos dessa natureza podem ajudar a entender como homens e mulheres de um determinado tempo percebem o mundo.

### Notas

<sup>1</sup> O nome do escritor Erico Verissimo na sua certidão de nascimento não é acentuado (VERISSIMO, 1981). Apesar da regra ortográfica vigente orientar possíveis ajustes nos nomes de pessoas falecidas, optei por não acentuar o nome do escritor, com a finalidade de preservar a sua escrita original.

<sup>2</sup> O presente estudo faz parte da dissertação de Mestrado, concluída e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Dissertação de Mestrado intitulada: “Representações da docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa”, defendida em abril de 2010, sob a orientação da professora Dra. Eliane Peres. (PPGE da FaE – UFPel). Essa investigação analisou as representações de docência em romances de Erico Verissimo (1905-1975) tomando a personagem Clarissa, nos quatro romances em que a mesma aparece como foco de análise. A pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>3</sup> Dois anos após a publicação do romance *Clarissa*, em 1935, nasceu a filha do escritor, Clarissa Verissimo Jaffe. No ano de 2005, em entrevista concedida ao documentário de comemoração ao centenário de Erico Verissimo, realizada pela RBS TV Porto Alegre, a filha do escritor revela que leu várias vezes o romance *Clarissa*. Ela disse: “Ah! *Clarissa* eu li várias vezes quantas eu não sei te dizer porque...eu acho que eu queria me identificar... e todo mundo dizia: ‘Ah! Ela é parecida contigo!’ Daí, ela também tem olhos escuros, cabelos escuros. Então eu achava que eu era a Clarissa. Quando eu comecei a ler os livros do pai, o primeiro foi *Clarissa* e só depois de muitos anos que eu fui ler o segundo...[...] Mas mesmo em *Clarissa* eu me surpreendia porque o meu pai entendia de certas coisas que eu achava que não, o pai não entende disso, né!? Não está sabendo.... Então, era uma descoberta, as coisas que ele sabia sobre uma adolescente”. (JAFJE, Clarissa Verissimo em entrevista concedida a RBS TV Porto Alegre em 2005).

<sup>4</sup> O escritor refere o primeiro livro à coletânea de contos, *Fantoches*, publicado em 1932.



## Referências:

- ABDALA JUNIOR, Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. SP, RJ: Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A personagem de ficção**. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção debates).
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. [tradução de Cristina Antunes]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Vida e obra de Erico Verissimo**: entrevista [jul. 2008b]. Entrevistadora: Roselusia Morais. Rio Grande do Sul. Transcrição digital. Entrevista gravada.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo. Editora da USP, 1985.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- MASSAUD, Moisés. **História da Literatura Brasileira**: Modernismo (1922 - Atualidade). 6ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- MOITA, M. C. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SOUZA, Antonio Cândido Mello e. **Literatura e Sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- LLOSA, Mario Vargas. **Cartas a um jovem escritor**: toda vida merece um livro. [trad. de Regina Lyra]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- VERISSIMO, Erico Lopes. **Clarissa**. 1ª ed. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. 1958.
- \_\_\_\_\_. **Clarissa**. 30ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978a.
- \_\_\_\_\_. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Coleção Companhia de Bolso).
- \_\_\_\_\_. **Música ao Longe**. 30ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Um lugar ao sol**. 23ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978b.
- \_\_\_\_\_. **Saga**. 16ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta I**. 15ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981. 1º vol.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Erico Verissimo e suas produções**: entrevista [jul. 2008a]. Entrevistadora: Roselusia Morais. Rio Grande do Sul. Transcrição digital. Entrevista concedida via on line.
- 5X Erico Verissimo**. Porto Alegre: RBS TV. 2005. Documentário. Direção Geral: Gilberto Perin. (meio digital).

*Recebido em 05/09/2011*  
*Aprovado em 05/10/2011*